

Roteiro do podcast Censos do Brasil – Episódio 4 – Censo de 1940 – O primeiro Censo do IBGE – Divulgado em 13 de março de 2023

[Música instrumental da época]

Para começar esse episódio eu proponho um exercício de imaginação. Imagine um censo realizado em um período marcado por uma grande reforma no Sistema Estatístico Nacional. Imaginou? Agora imagine esse censo acontecendo simultaneamente com a Segunda Guerra Mundial. Já pareceu complicado daí né? E se, além disso, o país estivesse há 20 anos sem recenseamentos? E não para por aí! E se esse recenseamento fosse realizado por um órgão recém-criado? Foi justamente nesse cenário que o Censo de 1940 foi realizado. Com tantos desafios, como você acha que terminou essa história? O Censo de 1940 seria decepcionante como os de 1890 e 1900? Ou superaria as dificuldades e estabeleceria o início da era da tradição censitária no Brasil?

Eu sou Fabio Carvalho e esse é o Censos do Brasil. Fica comigo que depois da vinheta eu te conto essa história.

VINHETA [trechos de músicas de propagandas dos Censos compiladas: “O Brasil precisa saber para ter consciência de sua grandeza”; ”Plim, plim, toco a campainha e ouço uma voz perguntando”; “quem é? É o agente do Serviço Nacional de Recenseamento”; “o Censo está aí: você responde e o Brasil corresponde”; “quantos somos? Sim, quantos somos no Brasil?”; “para o bem do Brasil, para o seu próprio bem, receba-o cordialmente”; “bom dia minha senhora”; “vamos juntos descobrir que país é este”]

[Música instrumental da época]

Foi num domingo, no dia primeiro de setembro de 1940 que começou o quinto recenseamento do Brasil. O plano era ousado: ser o maior Censo da América Latina. E para conseguir isso, não teve outro jeito. Foi preciso um grande e minucioso planejamento, para dar conta dos sete censos que seriam realizados ao mesmo tempo. Foram eles: o Censo Demográfico, o Agrícola, o Industrial, o

Comercial, o de Serviços, o Social e o de Transportes e Comunicação, não perdeu a conta, né? Alguns deles eram realizados pela primeira vez.

E depois de vinte anos sem Censo, o Recenseamento de 1940 precisava atualizar as informações para ajudar no trabalho do novo Governo. Precisava também estabelecer uma tradição censitária no país, já que os outros quatro censos anteriores não tiveram um padrão de método e nem de frequência na realização.

Os trabalhos para a realização desse censo começaram anos antes, com uma grande reformulação no Sistema Estatístico Nacional. A ideia era estabelecer as condições necessárias para que um levantamento tão grande e complexo como esse pudesse ser executado com sucesso. Não adiantava fazer de qualquer jeito... Nesse período foram criados diversos órgãos de estatística, incluindo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que com certeza você conhece, com o nome de IBGE. Ele foi instalado em 1936, para coordenar toda a estatística do Brasil e, claro, para fazer o Recenseamento de 1940, que era o primeiro da sua história. Para ajudar o IBGE nessa missão, também foi criada a Comissão Censitária Nacional, que era presidida por José Carneiro Felipe.

Para explicar melhor para a gente toda essa fase de planejamento e o contexto no qual o recenseamento foi realizado, eu convidei Leandro Malavota, historiador da Memória IBGE. Leandro, o que você pode nos contar sobre essa fase?

[Depoimento de LEANDRO MALAVOTA]

“O Recenseamento Geral de 1940 é, na minha opinião, uma das operações mais marcantes dentro da história dos censos no Brasil, pelas circunstâncias em que ele foi realizado e por uma série de outras questões. Primeiramente eu acho que é importante salientar que ele é a primeira grande operação censitária, o primeiro censo realizado após a grande reforma do Sistema Estatístico Nacional, que foi promovida pelo Governo Vargas. Além disso, é importante também ressaltar que o último censo tinha sido realizado 20 anos antes. Então, havia uma grande urgência naquele momento de atualizar as informações censitárias do Brasil, que em última instância são subsídios fundamentais para o próprio exercício do poder por parte de um Estado. Um Estado que estava em processo de reforma, em processo de profunda transformação. Então, é importante que essa base de informações tanto sobre a população quanto sobre o território, pudesse ser atualizada. Além disso, é

importante também a gente levar em consideração que esse censo se dá em um contexto de guerra. Então isso só aumentavam a urgência. Isso só instava o Governo a desenvolver um esforço ainda maior para o levantamento dessas informações populacionais, demográficas, territoriais, porque elas eram também essenciais ao próprio alcance dos interesses e objetivos da segurança nacional naquele momento. Eu entendo que isso contribuiu bastante para que o recenseamento geral de 1940 fosse planejado de uma forma bastante minuciosa, bastante cuidadosa. O que se procurou naquele momento foi se executar o mais completo levantamento de informações demográficas, sociais e econômicas até então realizado no Brasil. O censo que até então tinha chegado mais longe nesse número de inquéritos tinha sido o censo de 1920 que tinha reunido o censo demográfico, o censo agrícola e o censo industrial, ou seja, o censo de 1940 vai muito além nesses recortes temáticos do que o censo de 1920 por exemplo. Então eu acho que é fundamental a gente perceber que o censo de 1940 ele foi antecedido por uma organização muito cuidadosa. Ou seja, no mínimo, no mínimo, foram com 3 anos de antecedência, iniciados os preparativos. E esses preparativos passaram por uma série de campos, desde uma legislação censitária bastante cuidadosa. Houve também por parte do governo, a aplicação de volumosos aportes financeiros, ou seja, todos os recursos necessários ao censo foram bem contemplados pelo orçamento da União. Além disso, houve uma série de preparativos relacionados à construção de uma base cartográfica sólida, que permitisse o desenvolvimento e desse suporte ao desenvolvimento dos trabalhos do censo. O trabalho do recém-criado Conselho Brasileiro de Geografia, inicialmente chamado Conselho Brasileiro de Geografia, já em 1938 renomeado Conselho Nacional de Geografia. Eu acho que o trabalho dessa equipe foi fundamental com a construção da Carta do Brasil, Atlas Geográfico Brasileiro e uma série de outras iniciativas na área cartográfica.”

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “[barulho de batidas na porta] Quem é? É o agente do Serviço Nacional de Recenseamento”

Para organizar este trabalho foram definidas algumas regras através de uma legislação específica para o Censo. Segundo essas regras, os Censos seriam realizados a cada dez anos, sempre em anos de final zero e tendo como referência

a data de primeiro de setembro. Estava proibido o uso das informações coletadas para outros fins que não fossem os estatísticos. Isso quer dizer que os declarantes não poderiam ser identificados ou individualizados e que os dados não poderiam ser divulgados ou servir de prova contra eles. Mas, se por um lado a legislação protegia o cidadão que cumpria seu papel, por outro estabeleceu punições para aqueles que prestassem informações falsas ou se recusassem a colaborar. A multa variava entre cem mil réis a um conto de réis, podendo até acarretar detenção e processo penal.

Se você ficou curioso para saber quanto custaria essa multa em reais, eu vou te dizer: em uma conversão bem hipotética, usando um conversor baseado nos preços do jornal O Estado de São Paulo, o preço da rebeldia estaria entre 1.250 e 12.500 reais.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Responda com lealdade as perguntas que lhe forem feitas”

Por sorte, a população compreendeu bem a importância da pesquisa e foi muito colaborativa.

Essa colaboração se explica de duas maneiras: boa parte da população já tinha tido contato com o Censo de 1920. E, além disso, o Governo não poupou esforços e nem dinheiro para garantir o sucesso dessa missão. Para a realização do recenseamento foram destinados 3.800 contos de réis, ou 47.500.000 em reais, orçamento que era muito superior ao anterior, que já havia sido criticado. Essa verba permitiu um grande investimento em publicidade, inclusive com a criação de uma Divisão de Publicidade.

Já que dinheiro não era problema, diversas ações foram tomadas para divulgar o recenseamento.

Foram distribuídos e afixados em todos os Estados do Brasil quase vinte e três mil cartazes de tipos, cores e tamanhos diferentes. O cartaz mais famoso era uma ilustração do artista Ary Fagundes.

Ele desenhou o obelisco, que fica na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, com uma folhinha de calendário pregada nele. A data da folhinha era primeiro de setembro, era a data de início do Censo. O cartaz ficou famoso porque o chefe do serviço gráfico, Renato Americano, teve a brilhante ideia de mandar produzir uma placa de ferro de 3 por 6 metros, com o desenho da folhinha, para

fincá-la ao obelisco real. Para conseguir essa proeza, só teve um jeito: pedir ajuda aos bombeiros!

O rádio também ajudou muito na divulgação do Censo. Estávamos em plena Era de Ouro do rádio, no auge da sua popularidade como meio de entretenimento e informação. Você deve lembrar, sua avó, seu avô deviam ouvir muito rádio, né? Além disso, como o censo de 1940 mostrou, mais da metade da população era analfabeta, o que fazia do rádio elemento vital para o Governo transmitir suas informações. Não foi à toa que, mais ou menos nessa época, foi criado o programa a Hora do Brasil, ou A Voz do Brasil como conhecemos hoje. Veiculado a partir de 1935 como Programa Nacional, em 1938 é rebatizado para A Hora do Brasil e passa a ser retransmitido obrigatoriamente por todas as emissoras do país entre sete e oito horas da noite.

O programa divulgou diversos conteúdos relacionados ao censo, inclusive comunicados do Presidente Getúlio Vargas. Mas chamou atenção a participação de outras emissoras que, uma vez convocadas pelo governo para ajudar na divulgação, atenderam ao apelo e distribuíram milhares de anúncios ao longo de suas programações.

Os ouvintes, que eram atraídos pela música popular brasileira e suas estrelas como Dalva de Oliveira, Orlando Silva e Ary Barroso, começaram a entender, pouco a pouco, a importância do grande levantamento demográfico que estava por vir.

Carmen Miranda, que já era uma grande estrela internacional e ajudou a consolidar o rádio como meio de entretenimento, também teve contribuição na divulgação do censo. A cantora gravou o samba chamado "Recenseamento", de autoria de Assis Valente. Na música, a mulher do morro que responde o questionário, diz ao recenseador que seu companheiro não é malandro e sim fuzileiro e que na sua casa, apesar de humilde, não falta "pandeiro, uma cuíca, um tamborim, um reco-reco, um cavaquinho e um violão". Eu não posso tocar agora, mas vou deixar um link na descrição do episódio para você ouvir depois.

O sucesso da música foi tão grande que os agentes recenseadores passaram a ter que responder com frequência a seguinte pergunta: "Ah, esse é o negócio que Carmen Miranda canta no rádio?"

Foi difícil deixar de ouvir o que cantava sobre o censo essa grande artista que, àquela altura, era um grande sucesso nas rádios e no cinema americano. Por

falar em cinema, assim como a Pequena Notável, o censo também era presença constante nas telonas em 1940, pelo menos nas brasileiras. Foram preparados dois filmes: o primeiro mostrava os números da grandiosa operação censitária. E o outro oferecia uma visão completa do recenseamento, desde o estudo dos questionários até a entrega do boletim à porta de um domicílio. Esse segundo curta-metragem chegou a estar em 25 salas de cinema ao mesmo tempo em todo o Brasil, além de ter sido elogiado pela crítica cinematográfica da época.

Então com o apoio da população garantido, o próximo passo era a coleta das informações, com a visita aos domicílios. Para isso, tivemos uma novidade: pela primeira vez foi feita a divisão estatística dos territórios, chamados de setores censitários.

Essa divisão funciona assim: para cada recenseador é atribuído um território delimitado, com uma dimensão e número de domicílios muito bem planejados, para que o trabalho seja mais eficiente.

Para você ter uma ideia melhor desse avanço, basta a gente lembrar de como era feito antes. Nos censos anteriores eram selecionados recenseadores que fossem moradores do local de coleta, com a esperança de que, por conhecerem a área, eles pudessem percorrer os caminhos sem duplicidade, sem deixar de fora nenhuma habitação e sem invadir o território do colega recenseador. Não sei, mas algo me diz que isso não dava certo...

Chegava então a hora da ação, com base no percurso estabelecido, vestido elegantemente de terno e gravata e carregando sua pasta com os boletins, o agente partia em busca das informações necessárias. Um dos boletins que ele levava era chamado “Caderneta do Agente Recenseador”. Nele o recenseador registrava as informações sobre as condições e características das ruas, dos prédios e das casas, além de algumas informações resumidas sobre as pessoas recenseadas, isso permitia uma apuração preliminar imediata. Na prática, esse levantamento predial e domiciliário representou um oitavo levantamento de informações, simultâneo aos censos em andamento. O agente carregava também a “Lista de Domicílio Coletivo” que controlava a distribuição e resumia o movimento dos outros boletins.

Agora, os boletins mais importantes, aqueles que coletaram as informações especificamente demográficas, parecidos com os questionários que a gente conhece hoje, eram o Boletim da Família e o Boletim Individual. O nome dos

boletins é sugestivo. Enquanto o primeiro seria usado nos domicílios que constituíam famílias, o segundo seria respondido por informantes avulsos que estivessem em domicílios coletivos, como hotel, quartel ou asilo, sem ter relação de parentesco ou de responsabilidade com outras pessoas que estavam naquele local.

Para simplificar a coleta e evitar desconfiança sobre o sigilo das informações prestadas, foi solicitado apenas o nome e sobrenome do recenseado, de quem respondia às questões. Mas, para os outros componentes da família, foi solicitado apenas o prenome.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “É o agente do Serviço Nacional de Recenseamento. Jesus, o que será isso? Nada de sustos! Abra-lhe a porta sem receio”

Esses dois boletins que eu te falei agora tinham quarenta e cinco perguntas, número que gerou críticas à época. Foi considerado muito complexo, porque além de extenso, incluía questões consideradas incomuns. Agora vou te contar um segredo: o planejamento dos boletins é sempre polêmico e controverso. Não tem jeito, sempre dá briga. Se, por um lado, desejamos saber o máximo sobre o país, por outro, quanto mais complexo o boletim, maior é a dificuldade e, claro, o custo da operação de campo, já muito complexa por si só. Em defesa do boletim, Heitor Elói Alvim Pessoa, que tinha sido chefe na seção na extinta Diretoria Geral de Estatística, declarou:

“Não se pode compreender que um censo da população, realizado cerca de setenta anos após a criação do primeiro órgão de racionalização da estatística brasileira, deixasse de formular os quesitos clássicos relativos ao sexo, à idade, ao estado civil, à nacionalidade, à religião, à instrução, às profissões e aos defeitos físicos, nem, por outro lado, que esses quesitos fossem apresentados de modo a sacrificar, reincidindo em erros do passado, o valor das respostas esperadas à preocupação de poupar papel, ou de não exigir dos informantes algum esforço no cumprimento do dever”.

Além da quantidade e da profundidade das questões, na fase de planejamento do boletim também era possível definir a forma que a investigação era

conduzida e as opções de resposta. No caso desse Censo, algumas dessas decisões despertam curiosidade.

É o caso do quesito estado civil. Foi decidido que apenas as opções de solteiro, casado, desquitado e viúvo seriam aceitas, já que a legislação brasileira da época não previa outras possibilidades. Então, divórcio só seria aceito no caso de recenseados estrangeiros, divorciados fora do país.

Então no caso dos casais que viviam juntos, mas não tinham oficializado a união, foi preenchido o quesito chamado “relação com o chefe da casa” para retratar esse convívio.

Já a investigação racial, foi polêmica. A pesquisa, que não foi realizada nos Recenseamentos de 1900 e 1920, por pouco também não foi realizada no censo de 1940.

A decisão foi tomada em uma reunião da Comissão Nacional do Recenseamento, depois que a maioria dos membros já tinha se manifestado, apenas um ainda defendia a inclusão do quesito “cor” no questionário. Giorgio Mortara, que era consultor técnico daquele censo, que também era contrário à investigação, chegou a dizer que a questão era mais política do que técnica. E não é que ele tinha razão? Sua fala foi a deixa para Lourival Fontes, então diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, o famoso DIP, argumentar que o quesito era fundamental para a propaganda do Brasil no exterior. A questão foi posta em votação e, como vocês devem imaginar, a investigação foi mantida.

Outra questão curiosa sobre essa investigação, é que as opções de resposta se restringiram a apenas “preta”, “branca” e “amarela”, esse então foi o único censo história que pesquisou cor a não utilizar a variável “parda”. Também foi, por outro lado, o primeiro a utilizar a variável “amarela” na história dos Censos. A falta da opção “parda” na coleta, certamente deve ter gerado constrangimentos para os declarantes que se identificavam com essa cor. Aí você poderia me perguntar: Mas o que acontecia quando alguém não se identificava com nenhuma dessas três cores? Eu responderia que, nesses casos, era incluído um traço no lugar da resposta. Assim, qualquer outra variação de cor seria entendida como “parda”, mas apenas no momento da apuração dos dados.

Ainda sobre a fase de planejamento dos questionários, também tivemos mudanças no quesito “defeitos físicos”. A comissão censitária decidiu diminuir a investigação. A ideia inicial era levantar informações sobre mutilação, paralisia,

existência de doença curável ou incurável e necessidade de assistência hospitalar. Mas, na versão final do questionário, apenas a surdo-mudez e cegueira seriam pesquisadas. Outra curiosidade do boletim era a presença de quatro perguntas referentes à fecundidade, pesquisa incluída pela primeira vez nos Censos. Os boletins contavam ainda com quesitos sobre características biológicas e étnicas, de interesse jurídico e social, descendência, nacionalidade e naturalidade, línguas faladas, religião, questões culturais, de ocupação e de ordem econômica. Pois é, como eu disse... a pesquisa era grande e complexa!

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “O agente do Serviço Nacional de Recenseamento é o bom amigo que vai realizar à sua porta uma missão de paz e patriotismo.”

Após a etapa da coleta, era a hora da apuração e divulgação dos dados. E infelizmente a divulgação dos dados só foi concluída em 1949, às vésperas do próximo censo. O atraso foi justificado com argumentos já conhecidos: extensão do território, a comunicação deficiente e as dificuldades no transporte. Mas algo realmente prejudicou muito: a guerra.

Com a entrada dos Estados Unidos no conflito, a maior parte das máquinas Hollerith que faziam a apuração, simplesmente não chegaram, mesmo com toda a antecedência com que foram encomendadas aos americanos.

É, isso foi um problema... e como se não bastasse, a guerra também exigiu novas investigações, pedidas pelo Governo.

A solução foi improvisar. Foram usadas máquinas parecidas com as do censo de 1920 e foi preciso estabelecer 3 turnos de trabalho entre às 7 da manhã e meia-noite. Todo esse esforço permitiu que os primeiros resultados provisórios estivessem disponíveis já em 1941.

Em 1946, já com dados definitivos, foi entregue a Sinopse do Censo Demográfico e, dois anos depois, as sinopses dos Censos Agrícola, Comercial, Industrial e dos Serviços. Não foram divulgados os resultados do Censo dos Transportes e Comunicações, por impossibilidade da sua apuração. Também não consta a divulgação do Censo Social.

Apesar de todos os problemas, podemos sim nos orgulhar do Censo de 1940. Posso parecer piegas falando assim, eu sei... Mas, se você não acredita em mim, vamos ouvir a opinião de Leandro Malavota:

“Foi um censo muito abrangente, muito cuidadoso, feito com muito cuidado, muito planejamento. Como em qualquer operação desse tamanho, acaba se deparando com alguns percalços, com alguns obstáculos. Então, houve alguns atrasos nos trabalhos de apuração, de divulgação, isso tanto em função do extravio de boletins enviados por alguns municípios quanto também pelo uso do maquinário que ainda era remanescente do censo de 1920, ou seja, o contexto de guerra impediu a chegada de maquinário de apuração mais avançado, que tinha sido requisitado, tinha sido encomendado junto aos Estados Unidos, mas acabou não chegando ao Brasil a tempo de se fazer o censo. Então foi preciso usar o material de processamento, equipamentos de processamento que tinha sido utilizado em 1920, o que de certa forma atrasou um pouco os trabalhos. Mas apesar desses pequenos problemas, o censo de 1940 foi considerado um grande sucesso. Ao contrário de censos anteriores, como por exemplo o de 1890 de 1900. Os resultados foram considerados bastante confiáveis. Inclusive, as informações coletadas em 1940 permitiram a correção de resultados de censos anteriores. O grande demógrafo Giorgio Mortara, que era consultor técnico do IBGE e foi consultor técnico do censo de 1940. Ele, utilizando dados levantados nesse censo, ele conseguiu identificar e apontar que a população total do Brasil tinha sido subestimada no censo de 1900 e superestimada no censo de 1920. Então, ou seja, estudos posteriores, produzidos a partir das informações levantadas em 1940, permitiram a correção de informações levantadas em censos anteriores.”

A divulgação mostrou o retrato do Brasil da época. O Censo Demográfico de 1940 apurou que o Brasil contava com uma população de 41.236.315 pessoas, distribuídas em 20 estados, o Distrito Federal e o Território do Acre, eram 1574 municípios. Tínhamos uma população com equilíbrio entre os sexos e muito jovem. Mais de 53% das pessoas eram menores de 20 anos. O modelo patriarcal era predominante entre as famílias, normalmente bem numerosas. Para você ter uma ideia, a taxa de fecundidade girava em torno de 6 filhos por mulher. Um país quase todo católico, com um grande contingente de analfabetos e essencialmente rural.

Naquele tempo, quase 69% dos brasileiros se concentravam no campo, embora o crescimento da população urbana já fosse significativo. Minas Gerais era o Estado mais populoso, seguido por São Paulo e depois Bahia. A esperança de vida ao nascer foi calculada em 41 anos e a taxa de mortalidade infantil era mais de 146 para cada mil habitantes.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Um bom amigo vai bater à sua porta. Para o bem do Brasil, para o seu próprio bem, receba-o cordialmente!”

Além de oferecer ao país todos os dados, que já eram urgentes após vinte anos sem Censo, o Recenseamento de 1940 teve outro importante papel: consolidar a investigação censitária. Àquela altura os Censos tinham sido intermitentes. Tivemos o primeiro em 1872 e o segundo só 18 anos depois e, mesmo assim, você sabe, apresentou diversos problemas. O terceiro, em 1900, você também sabe, foi um fracasso da mesma forma. O que deveria ter ocorrido em 1910, foi cancelado. Vinte anos depois veio o Censo de 1920. Desses, só o primeiro e o último foram realmente importantes. Era essencial se estabelecer uma tradição censitária, o Censo de 1940 era peça chave. Não podia falhar. E não falhou. Se olharmos em retrospectiva, vemos que o trabalho correu bem e que, desde então temos censos decenais, menos em 1990 e 2020, que foram adiados. Vamos falar deles mais para a frente. Mas o mais importante: desde 1940 temos Censos extremamente confiáveis. Podemos dizer, então, que começava aqui a tradição censitária no Brasil.

FIM DO EPISÓDIO [Música instrumental]

Oi pessoal, voltei para os últimos recadinhos: o material que serviu de base para a elaboração do roteiro pode ser encontrado na Biblioteca do IBGE. Destaque para a publicação História das Estatísticas Brasileiras, de Nelson Senra.

Visite também o site da Memória IBGE. Lá você encontra muita coisa legal sobre a trajetória da Fundação ao longo do tempo.

Os links estarão na página do episódio.

O podcast Censos do Brasil é um oferecimento da Memória IBGE. Eu sou Fabio Carvalho e roteirizei, produzi e editei este episódio, com o apoio de Leandro

Malavota e Vera Abrantes que me ajudaram com informações para a elaboração do roteiro. Até a próxima semana!

[Música instrumental]